

O estudante de jornalismo e sua relação com a ética

Andréia T. Couto¹

Resumo:

Este artigo dá prosseguimento à pesquisa intitulada “Políticas públicas para comunicação: o estudante de jornalismo diante do cenário das mídias contemporâneas”, iniciada em 2010, referente ao universo estudantil de jornalismo em universidades privadas em Campinas, São Paulo. Outros seis artigos referentes à pesquisa foram anteriormente publicados. O presente trabalho tem como foco a discussão sobre ética, desdobrando-se em ética jornalística, partindo de discussões em sala de aula, desenvolvidas, principalmente, no decorrer da disciplina Jornalismo Investigativo, que tem como uma de suas discussões a problemática que envolve questões éticas em sua prática profissional.

Palavras-chave: Jornalismo; Comunicação; Ética; Mídia; Ensino de Jornalismo

Introdução

A profissão de jornalista, desde o seu primórdio, está ligada a sua atuação crítica em relação à sociedade. O jornalista, por seu acesso a quem exerce o poder, por conseguir entender e analisar criticamente esse poder, e por tornar públicas as informações concernentes à sua sociedade, que vai além do seu papel de informador, torna-se muitas vezes investigador, o que confere a esse profissional um papel de extrema importância na sua sociedade. Consequentemente, a formação profissional, intelectual, cultural do cidadão que pretende atuar nessa área é de indiscutível valor. No mesmo nível, sua postura diante de questões fundamentais que cercam o fazer jornalístico - e a maneira como conduzem esse fazer - tornam-se temas relevantes de discussão.

O jornalista e a ética profissional

O MONGE MORDIDO

Um monge e seus discípulos iam por uma estrada e, quando passavam por uma ponte, viram um escorpião sendo arrastado pelas águas. O monge correu pela margem do rio, meteu-se na água e tomou o bichinho na mão. Quando o trazia para fora do rio o escorpião o picou. Devido à dor, o monge deixou-o cair novamente no rio. Foi então à margem, pegou um ramo de árvore, voltou outra vez a correr pela margem, entrou no rio, resgatou o escorpião e o salvou. Em seguida, juntou-se aos seus discípulos na estrada. Eles haviam assistido à cena e o receberam perplexos e penalizados. (Parábola chinesa)

¹ Graduada em Letras e Jornalismo, Mestre em Jornalismo e Doutora pela Unicamp – Planejamento e Desenvolvimento Sustentável, faz parte do grupo de pesquisa Alterjor - Grupo de Pesquisa de Jornalismo Popular e Alternativo – (USP). Docente da Unip - Universidade Paulista, no curso de Jornalismo. E-mail: atcouto@hotmail.com

— *Mestre, o Senhor deve estar muito doente! Por que foi salvar esse bicho ruim e venenoso? Que se afogasse! Seria um a menos! Veja como ele respondeu à sua ajuda: picou a mão que o salvava! Não merecia sua compaixão!*

O monge ouviu tranqüilamente os comentários e respondeu: — *Ele agiu conforme sua natureza e eu de acordo com a minha.*

A jornalista Janet Malcom inicia a discussão sobre o comportamento ético na sua área a partir do relato e análise de um crime ocorrido na década de 1970 nos Estados Unidos, na época reportado na obra *Fatal vision* [Visão fatal] pelo também jornalista Joe McGinnis (que talvez tenha se espelhado em Truman Capote, em *A sangue frio*, para escrever sua narrativa). A história do acusado serve como ponto de partida para a reflexão sobre o comportamento nada ético que leva muitos profissionais, em nome da verdade dos fatos, a utilizarem métodos condenáveis que não se sustentariam em nenhum outro lugar. Em seu livro, Malcolm aborda a questão ética a partir da discussão sobre pessoas que são temas de livros:

Ao ler o artigo ou livro em questão, ele tem de enfrentar o fato de que o jornalista - que parecia tão amigável e solidário - tão interessado em entendê-lo plenamente, tão notavelmente sintonizado com o seu modo de ver as coisas, (...) - nunca teve a menor intenção de colaborar com ele na sua história, mas pretendia, o tempo todo, escrever a sua própria história. (p. 11).

O caso abordado por Malcolm ao longo de toda a obra serve como reflexão sobre certa prática jornalística que, além de outros aspectos, quando à cata de boas histórias e com a afirmação de querer investigar a verdade - paralelamente ao aparato judicial - vale-se de todos os subterfúgios para escrever uma boa história.

Após anos trabalhando com a disciplina Jornalismo Investigativo, em cujo Plano de Ensino consta a discussão sistematizada sobre ética, várias situações em sala de aula puderam ser percebidas.

Em um primeiro momento, quando o assunto é levantado, a reação dos alunos diante de questões pertinentes à prática jornalística, como escutas clandestinas, câmaras escondidas, falsidade ideológica, é a de colocar-se a favor desses aparatos. O argumento principal: diante de falsários, salafários, corruptos, etc., tudo vale para que sejam desmascarados e a ordem seja restabelecida, a partir do momento em que o público toma conhecimento desses fatos. Alguns, após momentos de reflexão, dizem: mas isso é legal? Vale utilizar métodos considerados antiéticos para desmascarar alguém? Um erro justifica o outro? São métodos justificáveis, mesmo se tratando de pessoas desonestas?

Ou seja, diante da desonestidade, vale ser também desonesto, você, profissional que tem como um de seus mais altos conceitos o compromisso com a verdade? Ou, em outras palavras, para levar a verdade dos fatos até o leitor, vale utilizar métodos ilícitos?

Essas questões nos dão algumas pistas sobre certas inquietações que afrontam os jornalistas ao longo de sua profissão. Normalmente, ao falarmos sobre a ética nesse contexto, quando exemplificamos a discussão com fatos concretos - escutas telefônicas, câmeras escondidas, falsidade ideológica - em nome de trazer a verdade à tona, os alunos são quase sempre entusiastas de certas atitudes em prol da verdade, uma vez que, diante da corrupção, por exemplo, vale tudo para que o investigado em questão seja desmascarado.

Após acaloradas discussões - geralmente não chegam a um consenso - exemplos clássicos são apresentados, como o do caso reportado por Lage (2005) sobre a empresa de carnes que vendia carne com prazo de validade vencido. Produtores do programa *Prime Time Live*, da ABC americana, empregaram-se na fábrica sob falsa identidade e, uma vez lá dentro e com livre acesso aos departamentos da empresa, puderam pesquisar à vontade e comprovar, de fato, que a mercadoria era comercializada com prazo de validade ultrapassado. No decorrer do caso, o dono da empresa processa a reportagem por falsidade ideológica, boa fé, dando-lhes livre acesso à intimidade de seus negócios e foi enganado. Resultado: mesmo não tendo negado o crime por adulterar a data de validade do produto, a empresa pediu, na ação judicial uma compensação indenizatória de 2,5 milhões de dólares, elevada depois para 5,5 milhões na sentença condenatória. O caso é relatado por Lage (op. cit., p. 105):

O estabelecimento acusou a reportagem de crimes de processo - falsa identidade, abuso de confiança, etc. - e de parcialidade (ao não incluir na matéria depoimentos favoráveis de funcionários ou procedimentos legítimos que, ao lado de ilegítimos, estariam sendo adotados no setor de empacotamento). Argumentava que o mesmo procedimento poderia ser obtido pelos repórteres se levassem a carne suspeita a um laboratório para exame bacteriológico.

Lage pergunta:

- Pode um supermercado vender carne estragada e ainda ser indenizada quando se prova que isso ocorre? Pode um jornalista fingir o que não é, instrumentalizar denúncias do sindicato dos empregados na indústria de alimentos, gravar imagens não autorizadas e editar tudo isso de maneira contundente, eliminando argumentos a favor da empresa criminosa cujo crime as imagens provavam? Vale isso?

Por outro lado, se a ABC era a responsável por todos esses procedimentos de seus repórteres, o que sobra de responsabilidade aos profissionais envolvidos - se é que houve delito?

Outra situação que causou apreensão não só no meio jornalístico, mas que atingiu a própria credibilidade dos jornais, e jornalistas foi o caso Murdoch, sobre o escândalo das escutas telefônicas ilegais no jornal *News of the World*, do grupo jornalístico de Rupert Murdoch, vindo a público em 2011, mas que existia, segundo evidências, desde 2008, com possibilidade de existir mesmo antes disso.

Até abril deste ano [2011], a NGN e a News International, sua controladora, vinham sustentando que os grampos telefônicos foram feitos por um único “repórter velhaco”. Clive Goodman, editor da seção Realeza do *News of the World*, e Glen Mulcaire, um detetive particular, foram presos em 2007 por interceptarem ilegalmente correios de voz. (Fenton e Davoudi, Observatório da imprensa, Nov. 2011).

Em depoimento nesta terça-feira 29 no inquérito Leveson, que analisa a cultura, práticas e ética da mídia do Reino Unido, o repórter investigativo Nick Davies, do diário *The Guardian*, revelou que os jornalistas do *NOW* participaram dos grampos telefônicos. A afirmação contraria a versão anterior de que o responsável era um investigador privado do grupo. Davies expôs o nível alcançado pelas escutas no tabloide. Revelou que em 2009 o jornal pagou secretamente quase 1 milhão de libras esterlinas a Gordon Taylor, chefe-executivo da Associação de Jogadores de Futebol Profissionais, e a dois outros indivíduos por conta de escutas de telefone. (Bonis, Carta Capital on line, Nov. 2011).

Essas histórias servem como ponto de partida para uma discussão que está longe de ser simples. Os alunos buscam ansiosamente uma resposta: e então, é certo ou errado fazer tudo isso? Querem que seus professores assinem embaixo do seu manual de conduta, como se houvesse um aos moldes dos manuais de redação, o que é certo e o que é errado na prática jornalística diária. Quando confrontados com a resposta de que ninguém poderá dizer a eles “faça isso ou aquilo, isso é certo e aquilo é errado”, sentem certa frustração. Esperam que os professores lhes tragam respostas fechadas a essa questão, algo que os ensine a julgar, a tomar decisões, a pensar sobre o que se deve ou não fazer frente a temas considerados éticos.

Diante disso, vale lembrar as palavras de Cláudio Abramo (1988): não existe ética jornalística. Existe ética. Sua conduta pessoal, regida pela sua própria ética, é que vai conduzir sua prática profissional. “não existe uma ética específica do jornalista: sua

ética é a mesma do cidadão”. Se você é uma pessoa ética em todas as suas práticas cotidianas, provavelmente não titubeará diante de situações que o forçarão a tomar uma atitude. Ele fala sobre o comportamento do jornalista diante dos fatos, diante das empresas e dos colegas. Refere-se ao profissional, também cidadão, diante do governo, do Estado, da democracia, da opressão. Mas só essa definição não é suficiente.

Talvez pela pouca experiência dos estudantes - o curso de Jornalismo Investigativo é dado no terceiro semestre do curso - ou mesmo no calor de abordagens polêmicas ou ainda uma realidade política que os coloca diariamente defrontados com casos de corrupção, suborno, propinas e - talvez principalmente - por seu pouco envolvimento político - os alunos tenham sempre o ímpeto de justificar situações e práticas consideradas condenáveis - quebra de sigilo, grampos telefônicos - quando isso os confronta com o direito que o cidadão/leitor/espectador tem em saber a verdade. Infelizmente, em nosso país, dá-se muita importância em “saber a verdade”, mas depois, o que fazer com a “verdade descoberta” - ou seja, os desdobramentos, isso acaba caindo em esquecimento. Portanto, ávidos pela verdade, pelo desmascaramento, o próprio público muitas vezes é levado a crer que, uma vez contada a verdade, meio caminho já está andado. Nesse sentido, pode-se analisar essa busca pela verdade, que utiliza escutas clandestinas e câmeras escondidas algo que se assemelha a uma história de detetive, com lances sensacionais seguidos sofregamente pelo público na sala de estar nas noites de domingo. Estamos vingados, eles foram desmascarados. Nosso herói repórter nos redimiu.

Não dá para falar de ética no jornalismo - pelo menos no brasileiro - sem citarmos o caso da Escola Base. Ali, tudo se confundiu: direito do público de saber a verdade a qualquer custo; invasão de privacidade; adiantamento da mídia, que, à frente das investigações policiais, tirou suas conclusões, e levou-as ao público; ainda em adiantamento ao julgamento pela justiça, após investigação, julgou-se sumariamente - culpados (nesse sentido, a Revista Veja adiantou-se à justiça, no caso Nardoni, quando estampou em sua capa, negra, com dizeres destacados em vermelho: Culpados). Bem aos moldes da imprensa sensacionalista, a imprensa toda, quase sem exceção, decretou o veredicto aos responsáveis pela escola. Sumariamente julgados pelo público, que os lincharia, caso tivesse acesso às suas cabeças, a vida das pessoas, mais tarde consideradas inocentes pela justiça por falta de provas, desmoronou. Nunca mais se reergueram. Ainda aguardam retratação de alguns veículos bem como a finalização dos processos por calúnia.

A esse respeito, não se deve deixar de citar a imprensa sensacionalista sempre que se fala em ética jornalística. Os exemplos, nacionais e estrangeiros, são fartos em extrapolação do “direito” do jornalista de chegar à verdade. Vai desde investigações levadas paralelamente aos trabalhos policiais até perseguições a pessoas públicas, visando arrancar-lhes uma declaração ou uma foto. Em alguns casos, perseguições dessa natureza acabaram em tragédia.

A questão é bem simples: o jornalista lida com pessoas, assim como outros profissionais de outras áreas que, justamente por isso, seguem rigidamente um código de conduta ética. É o caso, por exemplo, de situações que envolvem a área médica. E raramente discute-se ou condena-se o fato de chamarem à tona a ética em determinadas tomadas de decisão. Claro que, na área médica, mesmo por se tratar de seres humanos e envolver questões muito delicadas, certos assuntos geram acaloradas discussões. E as tomadas de posição geralmente são fechadas em sim ou não, concordo ou não, sem muitos meios-terminos. Mas, via de regra, as normas éticas existem na área e servem para conduzir o comportamento médico de maneira geral, assim como pesquisas que envolvem seres humanos (ver outro caso típico o que trata, por exemplo, a pesquisa sobre células-tronco, descarte de embriões, entre outros).

O debate sobre o comportamento ético no jornalismo pressupõe naturalmente o seu contrário: a falta de ética. E a exemplo da mídia internacional, também temos o nosso quinhão. Talvez seja o jornalismo de celebridades aquele que mais avança o sinal nessa questão, colocando-se lado a lado do jornalismo sensacionalista, que busca furos a qualquer custo em nome da bisbilhotice alheia. Sobre esse assunto, Juremir Machado faz o seguinte comentário:

“Entre o culto da personalidade e o culto das celebridades, dispensadas até mesmo de ter personalidade, há um ponto fundamental em comum: a manutenção de uma aura. A força ideológica da mídia atinge o seu apogeu no espaço onde ela menos fala de ideologia: a celebração dos eleitos. A aura assinala a esfera dos vencedores. Cabe aos demais aspirar à ascensão social. Entrar no reino “auratizado” de acordo com as regras estabelecidas pelo sistema de conveniência (...). Através do culto das celebridades, inocula-se a submissão. Com a atualização dos mitos, ensina-se a obediência devota. A mídia fortalece o *status quo* ao contar sempre a mesma história sobre os mesmos deuses locais. Acentua-se o estilo de vida estruturado na adoração e na falsa e na falsa idéia do trabalho como mecanismo real de emancipação, transforma-se o sucesso em valor social extremo (pp. 116-117).

Angrimani (1994) discute o sensacionalismo na mídia utilizando algumas referências sobre signo/clichê para tratar do assunto, tanto na mídia impressa quanto no rádio e na TV. Faz a pergunta: como identificar o sensacionalismo? “Sensacionalismo é uma forma diferente de passar uma informação; uma opção; uma estratégia dos meios de comunicação (...) trata-se de um gênero (sinônimo aqui e estilo)” (p. 41). Para o autor, mesmo veículos não sensacionalistas podem veicular imagens dramáticas, emocionantes, como o resgate de uma criança seqüestrada que, após sair do cativeiro, corre para os braços dos pais. A cena emociona e reforça a ideia da família feliz (clichê de felicidade). O veículo sensacionalista exploraria a imagem de forma contínua, editada, fazendo comentários e reforçando os clichês, envolvendo o público emocionalmente, de forma apelativa, fazendo-o chorar, torcer. O repórter - que também se emociona, foca a ação policial, acompanhando-a de perto a ponto de confundir-se com ela como parte integrante do resgate. Ao fazer isso, leva a ação e a emoção à casa do telespectador, que “sente” a sensação do ocorrido como se também estivesse presente. Tudo narrado com voz elevada ao tom dramático, reforçada pela transmissão editada como se fossem capítulos de uma novela. O ápice é o reencontro familiar e seria melhor ainda se culminasse com a prisão e punição dos bandidos Angrimani (1994, p. 41). Casos peculiares de coberturas assim protagonizados pela nossa mídia são o caso Eloá e o Nardoni, ambos terminados em tragédia. A cobertura, exaustiva, sensacionalista, transbordou clichês e falta de ética por parte de alguns veículos de comunicação.

Nossa mídia impressa dá exemplos de como se construiu um veículo de comunicação dos mais vendidos semanalmente no Brasil às custas de capas apelativas, tendenciosas, matérias escritas sem qualquer pudor ético e com grande dose de sensacionalismo. Suas capas devem ser colecionadas, pois guardam precioso material para os cursos de jornalismo sobre tudo isso que estamos falando aqui. Reflete o gosto da classe média nacional, recém alçada ao poder consumista como nunca antes visto e recém endividada pelos mesmos motivos, com seu “comprometimento” político, sua sensação de estar bem informada, e de fazer parte daqueles que decidem os rumos políticos do país a seu favor. Suas capas dramáticas, trabalhadas pela computação gráfica, mesclam dizeres imperativos estampando as vitrines das bancas de jornal semanalmente. Sendo a de maior tiragem do Brasil, assinada por uma ampla parcela da classe média brasileira ávida por informações um pouco mais descritivas do que as que

ouve via Jornal Nacional, a revista Veja traz pronto o cardápio da semana, sem necessidade sequer de requestrar: é só abrir, servir e comer.

É longo o debate que cerca a contenda sobre a falta de ética do jornalismo sensacionalista e como atingir a contrapartida. O espaço deste trabalho é pouco para entrar nessa seara, no entanto, diante da questão, é impossível não falar sobre o panorama geral da mídia e sua concentração, concentração essa de cunho fortemente econômico, que direciona, rege senão todo, a maior parte do conteúdo veiculado através dos principais veículos de comunicação².

O assunto sobre ética permeia todo o curso de jornalismo e, particularmente algumas disciplinas discutem a questão de uma forma mais reflexiva, como, por exemplo, Jornalismo Investigativo, que tem início justamente com o mais emblemático dos casos de investigação jornalística de que se tem notícia, e que culminou nada mais nada menos, com a queda de um presidente norte-americano.

O nascimento do jornalismo investigativo surge, enquanto categoria, com a descoberta de espionagem, através da instalação de grampos telefônicos, no comitê do candidato à oposição do então candidato à reeleição, Richard Nixon. Descoberta a falcatrua, ele ainda assim é reeleito, mas não resiste às pressões e, apesar das expectativas do povo americano, que esperava uma declaração de culpa, renuncia ao cargo. O episódio, reportado em livro por dois jovens e brilhantes jornalistas, Bernstein e Woodward, viraram *best seller*, intitulado *Todos os homens do presidente* e posteriormente, filme homônimo. Esse episódio, além de dar a partida para a discussão do que é jornalismo investigativo, ajuda ainda a trazer à tona a sempre presente questão sobre escuta clandestina. Mais uma vez, há a defesa, em sala de aula, daqueles que acreditam que, em nome da verdade, o grampo é justificável. Afinal, não serviu para mostrar o comportamento nada ético do presidente? Então, como resolver essa questão? O exemplo do caso Watergate serve também para falar sobre o tratamento das fontes, uma vez que saber guardar com todo o cuidado e preservar sua fonte é também um compromisso ético.

Mais adiante, outros temas árduos, que envolvem também a ética no jornalismo: denunciamento, jornalismo declaratório, jornalismo de dossiê. Deixar bem claro como o jornalista deve se comportar diante disso tudo é tarefa complicada.

² A esse respeito, ver Dennis Oliveira, **Violência midiática: a crise de uma tradição civilizatória** (2009), e Caio Túlio Costa, *Modernidade líquida, comunicação concentrada* (2005).

Sobre a ética que envolve a veiculação de imagens, Couto (2004), discute as mediações éticas que permeiam a difusão jornalística em áreas de conflito, como jornalistas e repórteres fotográficos lidam com situações extremamente complexas na busca por verdades, fatos e imagens, sem, no entanto cair no sensacionalismo. Em ocasiões de guerra, conflitos armados, catástrofes naturais, o jornalista se vê diante de circunstâncias e imagens com as quais muitas vezes não está acostumado a lidar. Em alguns países, a mídia não tem muito pudor em veicular imagens consideradas “fortes”, enquanto que aqui cenas dessa natureza não costumam ser mostradas, mesmo porque não seriam bem aceitas pelo público. Marinovich e Silva (2002), além de trazerem para seu livro-reportagem fotos tiradas durante os anos duros do apartheid sul-africano, relatam a experiência do jornalista Kevin Carter, ganhador do prêmio Pulitzer com a foto da criança sudanesa espreitada por um abutre, em 1993. A imagem, que correu o mundo, suscitou discussões acerca da fome que devastava a Somália, ainda elevou o grau dos debates sobre as questões éticas de imagens de guerra e catástrofes.

A foto tinha causado sensação. Estava sendo usada em pôsteres para arrecadar fundos para organizações de assistência. Tinha sido publicada em jornais e revistas do mundo inteiro, e a reação imediata do público fora dar donativos para qualquer organização humanitária em operação no Sudão. A imagem de partir o coração de uma criança faminta e indefesa sendo observada por um abutre levava, inevitavelmente, à pergunta “O que aconteceu com a garotinha?”, seguida de perto por “O que o fotógrafo fez para ajudá-la?” (p. 196).

Ética

Mas afinal, o que é ética? Segundo Karan (1997),

É comum afirmações como “isso é um problema ético”; “aquele indivíduo feriu a ética”; “aquela é uma atitude antiética”.

A generalização de que tudo tem relação com a ética pode ser perfeitamente entendida. Não é possível a existência de alguma coisa que, tendo significado humano, não possua alguma conexão com uma moralidade constituída precisamente pelos homens em sua trajetória.

O homem passa da intuição, do impulso à criação de uma linguagem em que pudesse identificar o mundo, criar e compreender conceitos (a construção de um mundo simbólico, a cultura – diferenciou o homem dos outros animais).

As relações sociais engendradas a partir daí - necessidade da reflexão ética: pensar o mundo oral como objeto de relações entre os indivíduos, grupos e sociedades.

No tempo e no espaço, a humanidade foi criando, pela práxis, o artifício da linguagem e da cultura – diferenciando ética, moral e deontologia (p. 33).

De acordo com o autor, a princípio, moral e ética tinham o mesmo significado, confundindo-se muitas vezes. Não é por acaso que, ao serem perguntados sobre o que pensam que seja ética, os alunos não raro colocavam seu significado amparado em um significado do que acreditam seja também moral. Assim, para Karan, tanto um termo como outro transmitiam a mesma idéia: caráter, costume, maneira de ser. Com o passar do tempo, os termos foram se distanciando e tomando rumos e significados diferentes: “**Moral**: conjunto de normas que refletia determinado comportamento, cultura e período; **Ética**: reflexão sobre o mundo moral dos homens”.

A ética entre os alunos de jornalismo

Ao serem perguntados sobre o que é ética, uma parte dos entrevistados relacionou a palavra ética às questões morais, uma relação que faz ligação entre educação e valores familiares:

- Ética envolve o comportamento da pessoa conforme a situação. Você deve saber como agir, o que falar, como fazer e o que fazer se colocando no seu lugar. Ética se relaciona também com valores morais e educação.
 - Ética é voltado a assuntos morais, bons costumes do ser humano, comportamento, saber ponderar as coisas, educação.
 - A ética envolve questões morais de um indivíduo ou de uma corporação.
 - É o bom senso que nos impede de nos comportar de maneira incorreta e que ofenda a integridade, moralidade e princípios da sociedade ou maior parte dela.
 - Ser ético é agir com honestidade e verdade. Porém os nossos princípios e vivência pessoal interferem no que a gente considera correto ou não.
 - É uma ferramenta utilizada para manter a consciência das pessoas para fazerem o que é certo, e o que é preciso.
- Ser ético é ir além do caráter e dos princípios, é ser transparente e o mais correto possível diante das situações.

Em outros casos, a ética é vista como uma conduta individual, em que cada um age de acordo consigo mesmo:

- ética pessoal, particular, é uma postura que tomamos diante das pessoas e fatos da sociedade. Isso levanta uma questão: existe uma definição geral do que é ética, ou em cada pessoa ela é enxergada de uma forma? Prefiro pensar na segunda opção, onde cada um enxerga ética de uma maneira.
- Atitudes e comportamentos de cada cidadão em sociedade, aquela pessoa que sabe compreender sem julgamento

Em contrapartida, alguns a colocam como sendo uma conduta pré estabelecida pela sociedade, cabendo ao cidadão adotá-la como um valor social.

- A ética compõe a sociedade desde os primórdios de sua existência, porém não identificada pelo próprio homem em seu processo de desenvolvimento.

No caso dos brasileiros, uma parte significativa desconhece suas leis, condutas éticas e cidadania, nossos direitos e deveres.

- O conceito de ética diz respeito às verdades e comportamentos considerados corretos já estabelecidos pela sociedade.

- Atitude cada pessoa dentro da sociedade. A ética está dentro de cada um, porém podemos perceber a relação de comportamento com a local em que se vive. Atitude que pode determinar quem sou.

- A ética é uma conduta correta, moral, que busca tornar suportável e adequado a convivência entre os homens. A conduta ética pauta-se na existência de ações adequadas e inadequadas em diferentes meios sociais. É necessária à condição humana, porém pode ser usada para controle social de um grupo.

- Dentro da conduta de uma pessoa na sociedade existe a ética, que seria uma série de “regras” que são seguidas para que o direito de um não interfira no do outro. Assim, a ética é o comportamento social que garante o bom funcionamento da sociedade.

Ética, em minha opinião, é ter respeito e ser fiel aos princípios das sociedade e da profissão, no caso, jornalismo.

A ética ou ter ética é não passar por cima de suas crenças e manter suas convicções.

Ter ética é ser correto perante a lei e os direitos humanos. Não infringindo os conceitos propostos pela sociedade em geral.

Finalmente, a ética estaria relacionada ao comportamento individual em relação ao outro:

- O fato de respeitar os limites e direitos do outro sem que o agrida.

- É o mínimo que todos os indivíduos de uma sociedade devem ter respeitando o limite de cada um.

- Valorizar e respeitar seus próprios direitos e, principalmente, o direito dos outros. Manter-se íntegro o que faz, fala, com sinceridade.

- Em todas as situações da vida devemos colocá-la da mesma forma. É respeitar, entender a posição da outra pessoa, é saber limitar nossas opiniões, sem julgar incorretamente.

A ética no jornalismo

Questões éticas previstas pelo Código de ética dos Jornalistas (27 artigos, em vigor desde 1987).

Da Seção que focaliza a conduta profissional do jornalista, dois são de grande importância para o Jornalismo Investigativo:

- Artigo sétimo: “compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”.

- Artigo oitavo: “sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e identidade de suas fontes de informação”

Deveres do jornalista:

- Artigo nono: “combater e denunciar todas as fontes de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação”; “respeitar o direito à privacidade do cidadão”. (SEQUEIRA, 2005, pp. 94-95).

Karam (1997), sobre as questões éticas a respeito do direito à privacidade, dá o seguinte depoimento:

Os repórteres concordam que o cidadão tem direito à privacidade, mas em casos específicos são obrigados a lançar mão de técnicas que esbarra na lei, como no caso de repórter Fernando Rodrigues, que utilizou gravações feitas por terceiros para provar a venda de votos na reeleição de Fernando Henrique; (...)

Pode-se alegar que esses métodos foram utilizados para que os profissionais pudessem cumprir a seguinte determinação do Código de Ética Jornalística: “Combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação” (p. 45).

A defesa da necessidade de uma ética jornalística exige que se considere a atividade importante moralmente e se reconheça, nela, alguma especificidade que a distinga das outras.

Segundo Costa (2009)

Há uma significativa mudança em curso nas comunicações. Ela afeta não somente a maneira como jornalismo e entretenimento são fabricados, mas o modo como são consumidos. Essa mudança atinge também a linguagem. Ao mesmo tempo, os mercados econômicos assistem a uma progressiva concentração de empresas nessa área, fato que tende a dar nova face à indústria com a convergência entre telecomunicações e mídia - sem falar no nascimento de empresas que inventam novas maneiras de comunicar, criam nichos inéditos de mercados ou os abocanham de empresas tradicionais. As transformações edificam uma indústria diferente, uma nova mídia. Esse movimento exige uma rediscussão da ética nas comunicações, no jornalismo, porque propõe novas questões. Exige também uma questão mais ampla desses fenômenos até mesmo para entender como essas empresas tratam a ética. Obrigam a um aprofundamento da questão moral na mídia (p. 15).

Particularmente no jornalismo, como mediação do mundo, há necessidade de refletir sobre a feitura diária da informação e sua consecução no gesto técnico competente, no ato político consciente.

Assim pensam os alunos entrevistados sobre a ética no jornalismo:

A ética no jornalismo é essencial, assim como em toda a profissão, mas ser jornalista exige muita ética. O profissional deve escrever com total noção de que todas as informações são verdadeiras. O jornalista nunca deve omitir ou aumentar uma informação numa matéria.

- Se resume a mostrar os dois lados de uma mesma história, apurar os fatos, evitar conflitos de interesse, como trabalhar em assessoria de imprensa e um repórter entre outros fatos. Mas novamente há um impasse, a ética se conflita com a necessidade de manter seu salário e atende as ordens do veículo no qual você trabalha.

- A ética no jornalismo diz respeito a certas regras e modo de agir que irão pautar a conduta do jornalista. Diz respeito a obedecer as leis, por exemplo, dos direitos autorais, a preservar fontes, etc. Todas as ações que levam o jornalista a ser um bom jornalista são ditadas pela ética. Pessoalmente, acho que um jornalista ético defende seus ideais e seu modo de ver o mundo. Ser ético é defender a verdade, principalmente sua verdade pessoal, aquilo em que você acredita.

- O fato de respeitar o silêncio e direitos de falar, respeitando e priorizando fatos verídicos (sempre) sem que prejudique a imagem do outro sem provas concretas.

- É essencial para o sucesso, todos os que trabalham nessa párea devem ter isso como base, respeitar fonte off, pessoas entrevistadas que muitas vezes pedem sigilo absoluto.

- No jornalismo, a ética profissional dá segurança às fontes, e passa as informações corretas ao leitor.

- É uma série de regras que você segue sem que prejudique alguém, trazendo a verdade dos fatos, e sem ser manipulador e manipulado.

- É preciso manter a ética, afinal não é qualquer coisa que de qualquer maneira que se pode escrever por aí, e também no zelamento de suas fontes.

- É você exercer sua função, sem atrapalhar, mentir ou prejudicar o próximo.

Ética no jornalismo

- Exercer sua função, baseada em realidade, não inventar mentiras, não ir contra as leis de privacidade, para obter o sucesso.

- Fazer o seu trabalho como jornalista respeitando sempre todos à sua volta, sem escrever e publicar coisas mentirosas, e sem ocultar fatos.

- Nós, como jornalistas, temos que acima de tudo, perceber que falar a verdade é transformar a informação da maneira mais clara e objetiva para os leitores. Saber narrar uma notícia mesmo que ela tenha uma notoriedade menor, fazê-la de modo que todos entendam o que queremos transmitir. Por isso a ética tem que prevalecer em todos os sentidos, seja na nossa vida, ou mesmo para apenas passar uma informação.

Para muitos também no âmbito da comunicação, confundem mídia com imprensa, a mídia mais apelativa conquista com suas indagações e a massificação de indivíduos extremamente preparados para serem iludidos e moldados por um caráter lúdico, já a imprensa exerce o contexto ético em alguns veículos informativos recebe uma pequena parcela de atenção, passando despercebido pequenas coisas que fazem a diferença, a parcialidade idealista, a noção ética que é quase subsistente.

O jornalismo atual baseia-se em verdades. Desde o cidadão Kane o gosto popular pelo extraordinário, o sensacional é observado. A necessidade de vender cada vez mais no concorrido mercado midiático leva a casos extremos como Murdoch, o australiano que domina o sensacionalismo e causa danos, como o ocorrido com o drama da família da adolescente inglesa morta.

A responsabilidade da mídia é tamanha por ela ser formadora de opinião. O conflito entre ética profissional e linha editorial, muitas vezes obriga o jornalista a ir contra seus princípios para atender ao interesse financeiro da empresa empregadora.

O caso da escola Base foi um ícone dos anos 90 que simplesmente levou a escola ao descrédito e ao julgamento da opinião pública. Resultando no esgotamento nervoso do dono da escola que, atualmente, não se restabeleceu, tanto psicologicamente quanto financeiramente. Isso ocorreu devido a boatos de molestar alunos do colégio.

Dentre estes, outros exemplos são pungentes e leva ao debate do profissional que deve manter seu emprego, porém, respeitando a integridade social.

A ética no jornalismo é mais do que respeito, é a forma mais digna e transparente de exercer a profissão, é através dela que o jornalista adquire o respeito de seus leitores, e cumpre com os seus deveres profissionais e pessoais, para que trilhe um bom caminho.

Essencialmente a ética precisa existir em todo e qualquer meio de comunicação. Tanto o jornalismo televisivo, a imprensa, a mídia, jornal impresso, enfim, é necessário existir a ética para que exista uma boa informação: crítica, respeitosa, bem informada, e acima de tudo, sem julgar nenhum tipo de informação.

- Se dá muitas vezes pela opinião pessoal de cada profissional, que leva consigo seus próprios meios de adquirir uma informação e de como transmiti-la.

Muitas vezes a mídia não respeita a veracidade de uma informação, publicando fatos precipitadamente ou não possuindo a permissão para a veiculação por parte dos envolvidos.

- A ética jornalística não deveria ser aceita como a “ética do patrão”, que define a linha a ser seguida pelos “jornalistas operários”.

Enquanto seres humanos, dotados de razão e sentimentos, os jornalistas deveriam produzir seus textos ou entrevistas baseados no princípio da difusão da informação e não nos interesses de pessoas, grupos ou organizações, principalmente financeiros.

O sistema capitalista tem o poder de manipular inclusive, a informação, tendenciando-a a ponto de criar conflitos e gerar até mortes.

Não roubar, não matar, falar a verdade, tratar bem as pessoas, não invadir o espaço alheio. Concordo que são atitudes éticas e defendo estes comportamentos, mas se tratando de ética no jornalismo, cada um tem seu julgamento do que é ético ou não, porém é sempre importante tomar o cuidado de não inverter os papéis e tomar o lugar do bandido.

Infelizmente, a ética nas mídias é deixada de lado. Não para o bem social, ou pela pura verdade, mas sim em nome do sensacionalismo, da fama e do escândalo, que sempre resultam em dinheiro.

- É ter respeito pela privacidade do outro, é você respeitar, não difamar, não mentir, não julgar.

- É quando você, como jornalista, não difamar a vida do outro, é respeitar, por mais que o outro seja, culpado ou inocente, não invadir a privacidade.

- Muito se fala em ética jornalística, principalmente por se tratar de um momento em que pessoas estão se tornando “conscientes”. Mas não passa de modismo, o que se vê em jornais e manchetes são chamadas sensacionalistas que buscam a venda de seus produtos. Só por isso já se pode concluir que a ética é algo que está faltando.

Nos casos famosos em que a mídia faz a cobertura excessiva em cima, também demonstram falta de ética jornalística. Causam pré-julgamentos, antes mesmo da justiça.

Por isso, com estes erros, podemos concluir que ética é algo que está ligado ao respeito com os envolvidos, e a imparcialidade. Não cabe ao jornalista julgar ou difamar, apenas noticiar.

- Informar sem escandalizar a sociedade com atitudes fora da lei, fora dos padrões de moralidade.

- Falar aquilo que sabe, e que venha a ser verdade, respeitar os direitos das pessoas sem prejudicar. Colocar sempre o verdadeiro como principal propósito.

- A imprensa geralmente ultrapassa os limites do bom senso para conseguir algo do seu interesse, não se importando com as causas que poderá a vir a afetar terceiros. Informação acima de qualquer coisa, estejam errados ou não.

- Atitudes que podem ou não afetar o eu de cada pessoa.

A ética jornalística envolve o próprio caráter com a profissão escolhida.

O jornalismo ético tem muitas visões, como na própria ética do dia a dia. Pode ser ético usar câmeras escondidas para denunciar corrupção, como também pode não ser.

Depende do contexto, pessoas envolvidas, época, etc., para se ter uma decisão se é ou não .

Em minha opinião, os veículos alimentam muitas informações que não procedem. Ou expõem as pessoas ao ridículo, interferindo na privacidade de que todo mundo tem direito. Porém temos jornalistas que lutam por justiça, e verdade e até o fim arriscam sua própria integridade para o bem do todo.

Quando falo da ética no jornalismo, quero dizer que a matéria saiu fiel à verdade, por meios honestos, claro, um exemplo. Acredito que tudo que é honesto é correto, é ético.

- Postura que respeita leis, moral, comportamento, que não causa escândalos.

Ética jornalística

- Postura dos profissionais/grupos de comunicação que respeita opiniões e expõe informações de forma imparcial, respeitadora e verdadeira.

Acredito que ética vem do caráter do jornalista.

Ética jornalística é não julgar e condenar, é saber as duas faces da moeda, e assim tira conclusões, não é o que vemos hoje em dia na mídia, que acusam, expõem, e julgam, sem sequer saber o que realmente está acontecendo.

- A ética jornalística seria a notícia ou informação passado ao público de forma íntegra, verdadeira, e séria, assim como os meios ou fontes que o jornalista usa para fazer sua matéria.

O jornalista ético é imparcial, ou seja, não toma a defesa de determinado lado, ele transmite a informação de ambas as partes, fazendo com que o público julgue por si.

No jornalismo a ética é vista como: assumir os seus erros, investigar os fatos e publicá-los sem interferir na integridade do cidadão, seja ele civil ou publicamente exposto.

- Ética é um conjunto de convenções que visa não prejudicar qualquer das partes envolvidas em qualquer tipo de situação. Ela deve ser respeitada ainda que uma das partes não faça uso dela.

No jornalismo a ética trata de temas polêmicos, porém a idéia é a mesma. Um jornalismo ético não julga culpados ou toma partido em qualquer dos lados envolvidos.

- Ética no jornalismo é uma ferramenta onde o profissional obtém o prestígio e credibilidade ao longo da carreira. É algo que o profissional possui, e que já tinha ao longo de sua formação moral.

Algumas considerações sobre o andamento da pesquisa

Nesse momento, pretendeu-se fazer algumas considerações a respeito desta fase da pesquisa, ainda em andamento. Não é objetivo aqui apresentar os resultados finais a partir da coleta de dados, o que será feito posteriormente. Buscou-se apresentar algumas falas para oferecer um ponto de partida para discussões futuras sobre o que pensam os alunos de jornalismo a respeito dessa questão tão relevante no seu curso e em sua carreira profissional.

O que se pode depreender de algumas falas coletadas durante a pesquisa em relação à visão dos estudantes de jornalismo diante do que se discute ser “ética jornalística”, é que, de certa forma, têm uma noção de como eles, futuros profissionais da área, agirão quando defrontados com alguns impasses durante a investigação. “Defender a verdade”; “honestidade”; “seguir regras”; “agir de forma a não prejudicar o

outro”; “respeito à privacidade”; “respeitar os direitos sem prejudicar ninguém”; “postura que respeita leis, moral, comportamento”. Embora ainda em fase de análise de dados, em uma primeira instância verifica-se que a discussão sobre o assunto tem se pautado em uma postura envolta em conotações positivas sobre o tema.

Nesse primeiro estágio, diante das discussões em sala de aula e a partir do que escreveram, pode-se perceber que, mesmo sem ainda uma devida articulação teórica que os ajude a definir o tema, a maioria tem claro sobre o que seja uma conduta ética, embora tenham certa dificuldade em articulá-la em termos de conceituação.

Levados, a princípio, a concordarem com posturas do tipo “a bem da verdade, certos métodos são válidos”, como a utilização de câmeras escondidas para capturar confissões, após os debates, começam a refletir e, por fim, respostas do senso comum acabam sendo deixadas de lado. No entanto, percebeu-se que ainda restam certas dúvidas em relação àquilo que consideram verdadeiro se para uma boa causa.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, C. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus editorial, 1994.
- BERNSTEIN, C. e WOODWARD, B. **Todos os homens do presidente**. Francisco Alves, s/d.
- CAPOTE, T. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARNICEL, Amarildo e Fantinatti, Márcia (Orgs.). **Comunicação e cidadania**. Possibilidades e interpretações. Campinas: Unicamp, 2008.
- COSTA, C. T. Modernidade líquida, comunicação concentrada”. **Revista USP** (nº 66); 2005.
- COSTA, C. T. **Ética, jornalismo e a nova mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- COUTO, A. T. A ética na sociedade de informação: o que delinea o olhar jornalístico na cobertura de conflitos. **CLAB – Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004.
- COUTO, A. T. Políticas públicas para comunicação: o estudante de jornalismo diante do cenário das mídias alternativas. **Rev. Alterjor - Jornalismo Popular e Alternativo**. ECA/USP, Ano 01, Vol. 02, N. 02, Jul-Dez de 2010.

- COUTO, A. T. Políticas Públicas para a educação, a privatização do ensino superior e suas conseqüências para os cursos de jornalismo de IES. **Revista Alterjor** - Jornalismo Popular e Alternativo. ECA/USP. Ano 02, Volume 02, N. 04, Jul-Dez 2011
- COUTO, A. T. O estudante de jornalismo de Instituições de Ensino Superior frente a ação do privilégio cultural. **I Colóquio De Comunicação Regional. III Semana De Jornalismo Popular e Alternativo. Rev. Alterjor.** ECA, USP, Ano 02, Vol. 1, N. 03, Jan-Jun de2011.
- COUTO, A. T. O estudante de jornalismo e sua relação com a leitura. **18 COLE - Congresso de Leitura.** Campinas, 2012.
- KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Summus, 1997.
- LAGE, N. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record: 2005.
- MCGINNISS, J. **Fatal Vision.** Putnam Adult, 1983.
- MALCOLM, J. **O jornalista e o assassino.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- MARINOVICH e SILVA. **O clube do banguê banguê.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- OLIVEIRA, D. Violência midiática: a crise de uma tradição civilizatória. In: OLIVEIRA, D. e NOGUEIRA, S. (Orgs.) **Mídia, Cultura e Violência.** São Paulo: USP/Celacc, 2009.
- SEQUEIRA, C. **Jornalismo Investigativo.** O fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.
- SILVA, J. M. **A miséria do jornalismo brasileiro.** As (in)certezas da mídia. Petrópolis: Vozes, 2000.
- www.observatoriodaimprensa/caso_murdoch/Ben_Fenton_e_Salamander_Davoudi_08/11/2011/edição_667. Acesso 24 de Março de 2012.
- www.cartacapital/news_of_the_world/jornalistas_participam_de_gramos_telefonicos/Gabriel_Bonis/29/11/2011. Acesso 24 de março de 2012.